



# Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspectiva e discurso (1979-2015)

---

Daniel Alves

*Práticas da História* 1, n.º 2 (2016): 89-116

[www.praticadashistoria.pt](http://www.praticadashistoria.pt)

**Daniel Alves**

**Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal:  
perspectiva e discurso (1979-2015)**

---

Sob influência das recentes tendências internacionais para a consolidação da área disciplinar das chamadas Humanidades Digitais, a academia portuguesa tem vivido nos últimos anos um movimento de renovação do discurso sobre a integração das Tecnologias Digitais na investigação, ensino e divulgação nas Humanidades. Neste artigo, partindo de uma perspectiva de longo prazo sobre a ligação entre História e metodologias digitais, discute-se por um lado a novidade desse discurso, antes apontado como uma renovação, em novos termos, de uma prática que vem, em alguns casos, já da década de 1980. Por outro lado, aponta-se o facto dessa renovação, ao contrário do que está, em parte, a ocorrer no mundo anglo-saxónico, estar a desenrolar-se de forma relativamente modesta e sem um enquadramento institucional significativo. Apesar de tudo, um conjunto de dados empíricos, observáveis nos últimos anos, em especial desde 2010, mostram que as Humanidades Digitais têm conseguido congrega uma comunidade de investigadores que tende a crescer e a afirmar-se.

Keywords: Humanidades Digitais, História, Metodologia, Portugal.

---

**Digital Humanities and Historical Investigation in  
Portugal: perspective and discourse (1979-2015)**

Influenced by the recent international tendency towards the consolidation of the disciplinary area known as Digital Humanities, in the last few years Portuguese academia has undergone a movement of renewal of the discourse about digital technologies in research, teaching and dissemination of humanities. Taking a long-term perspective on the ties between History and digital methodologies, this article discusses, on the one hand, the novelty of such discourse, presenting it as a renewed and reworked practice that, in some cases, harkens back to the 1980s. On the other hand, the article addresses the fact that this renewal, unlike what is happening in the Anglo-Saxon world, is developing in a relatively modest way and without a significant institutional framework. Nevertheless, empirical data from recent years, especially since 2010 shows that Digital Humanities have managed to congregate a growing and increasingly prominent research community.

Palavras-chave: Digital Humanities, History, Methods, Portugal.

# Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspectiva e discurso (1979-2015)

Daniel Alves\*

O grau de desenvolvimento das humanidades digitais em Portugal, nas últimas décadas, é relativo e até um pouco contraditório. Por um lado, no nosso meio académico as Humanidades têm vindo a desenvolver uma ligação com as Tecnologias Digitais, sendo estas integradas no quadro metodológico e epistemológico das disciplinas da área. Como se verá, não só tal ligação existe, como serão apresentados exemplos para sustentar a ideia de que neste âmbito os investigadores portugueses não estão muito desfasados face ao que tem sido a evolução do campo das Humanidades Digitais a nível internacional. No entanto, este campo permanece, em grande medida, por institucionalizar. Efectivamente, e apesar de se utilizarem conceitos e métodos digitais nas Humanidades em Portugal, essa utilização tem acabado por ser circunscrita e pouco difundida. Manifesta-se em trabalho académico, mas permanece menos visível no curriculum das universidades e na maioria dos eventos organizados por unidades de investigação.

Internacionalmente, o termo “Humanidades Digitais”, representando uma forte relação entre a investigação em Humanidades e a incorporação de métodos e ferramentas das Tecnologias Digitais, foi cunhado faz agora uma década<sup>1</sup>. Se restringirmos a análise à “História Digital”, este termo

1 Instituto de História Contemporânea, FCSH/NOVA [[alves.r.daniel@gmail.com](mailto:alves.r.daniel@gmail.com); <http://goo.gl/TQ9Wn3>].

1 Susan Schreibman, Ray Siemens, e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*, Blackwell Companions to Literature and Culture (Oxford: Blackwell Publishing Professional, 2004); Melissa Terras, “Inaugural Lecture: A Decade in Digital Humanities,” *Melissa Terras’ Blog*, consultado a 27 de Maio, 2014, <http://melissaterras.blogspot.pt/2014/05/inaugural-lecture-decade-in-digital.html>.

já circula, pelo menos, desde 1997<sup>2</sup>. Tendo em conta o tempo decorrido não é possível afirmar que em Portugal estes novos conceitos tenham sido ignorados. Contudo, as Humanidades Digitais não se têm desenvolvido de forma independente, como campo disciplinar coerente, institucionalizado e abrangente em termos da sua penetração no meio académico. Pelo contrário, estas abordagens têm-se desenvolvido em paralelo com outras linhas de investigação, de forma mais pragmática e interdependente. Enquanto campo autónomo, as Humanidades Digitais não são uma força motriz relevante no meio académico nacional, mas enquanto aspecto modulador de agendas de investigação têm tido uma importância significativa não só na produção do conhecimento como também na formação dos investigadores.

Vão ser três os aspectos a desenvolver no texto a seguir. O primeiro será chamar a atenção para aquelas que parecem ter sido as áreas disciplinares onde, apesar de tudo, as Humanidades Digitais (na perspectiva ampla como serão aqui encaradas) se têm afirmado. É aqui que se corre mais riscos, não só pelo que já se referiu, mas certamente porque uma parte significativa das realizações e dos investigadores escaparam ao olhar lançado sobre as últimas décadas, sempre a partir da experiência e vivência no campo da História. Um segundo aspecto a apontar é que vai ser dado destaque àquelas que têm sido as principais linhas de evolução da relação entre a investigação histórica e a incorporação de metodologias, recursos e ferramentas digitais. Por fim será feita uma análise preliminar ao que tem sido a incorporação e/ou apropriação do discurso das Humanidades Digitais nos tempos mais recentes, apesar de serem ainda escassos os trabalhos e poucos sistemáticas as informações que permitam ir muito além de uma reflexão introdutória.

#### **HUMANIDADES DIGITAIS EM PORTUGAL: UM CAMPO DISCIPLINAR AINDA EM DESENVOLVIMENTO**

Poderá não andar longe da verdade a afirmação de que em Portugal, como aliás noutros países, a interacção entre o Digital e as Humani-

<sup>2</sup> Daniel J. Cohen et al., “Interchange: The Promise of Digital History,” *Journal of American History* 95 (2008): 452–91.

dades é actualmente transversal ao conjunto das disciplinas que as compõem. Será talvez difícil e uma vez mais arriscado definir uma disciplina onde a utilização relevante das Tecnologias Digitais tenha sido pioneira, face ao que se estava a passar nas restantes. No geral, os primeiros exemplos, casos individuais, esforços de investigadores isolados, podem ser observados desde, pelo menos, o final da década de 1970. Porém, nessa altura em Portugal, com em todo o mundo, a incorporação do computador ou da computação no trabalho do humanista não era facilitada, pois os avanços tecnológicos ainda não possibilitavam uma democratização do acesso a essas “gigantescas” máquinas de processamento electrónico de informação. São esporádicos, muito pontuais, os exemplos da Filologia e Linguística, da Arqueologia ou da História, por exemplo, que se podem elencar. E no conjunto, talvez estas tenham sido as áreas onde mais cedo a necessidade dessa “democratização” se tenha feito sentir.

Sem dúvida, a década de 1980 viu expandir essa utilização, quer ao nível da análise computacional de alguns *corpora*, quer na elaboração de bases de dados aplicadas a estudos históricos ou demográficos, por exemplo. Precisamente uma das áreas mais dinâmicas desde essa altura e onde a incorporação de metodologias digitais na investigação em Humanidades tem feito um caminho assinalável é a da Filologia e da Linguística<sup>3</sup>, embora só muito recentemente a expressão “Humanidades Digitais” lhe tenha sido associada, como o demonstra a edição

3 Rogéria Cruz, “A informática linguística e o futuro do português: elementos para a definição de uma política nacional em Portugal,” *Ciência da Informação* 15, n.º 1 (1986): 27–32; Stephen R. Parkinson e António Emiliano, “Encoding Medieval Abbreviations for Computer Analysis (from Latin–Portuguese and Portuguese Non-Literary Sources),” *Literary and Linguistic Computing* 17, n.º 3 (2002): 345–60; Maria Helena Pinto Novais Paiva, “Os gramáticos portugueses quinhentistas e a fixação do padrão linguístico: contribuição da Informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança” (Doutoramento, Universidade do Porto, 2002); Evelina Verdelho, “Filologia, Linguística e Informática: trabalhos em tempo de mudança,” in *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*, ed. Ana Maria Brito, Olívia Figueiredo, e Clara Barros (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004), 397–411; António Emiliano, “Tipo medieval para computadores: uma ferramenta informática para filólogos, historiadores da língua e paleógrafos,” *SIGNO: Revista de la Historia de la Cultura Escrita*, n.º 15 (2005): 139–76; Rita Marquilhas e Iris Hendrickx, “Manuscripts and Machines: The Automatic Replacement of Spelling Variants in a Portuguese Historical Corpus,” *International Journal of Humanities and Arts Computing* 8, n.º 1 (2014): 65–80.

em 2013 do volume “Património Textual e Humanidades Digitais”. Na introdução, as organizadoras do livro fazem uma análise ao impacto gerado pelo encontro entre a Filologia e o Digital. “Se é verdade que continua a ser discutido o estatuto deste recente domínio e, em concreto, a repercussão da transferência tecnológica para o âmbito da Filologia, é ponto assente que as *Humanidades Digitais* requerem equipas multidisciplinares” e que representam mais do que uma mera “transferência de ferramentas informáticas para o terreno das *Humanidades*”<sup>4</sup>.

Ainda segundo as mesmas autoras, no caso do estudo da Língua Portuguesa “as *Humanidades Digitais* deram passos significativos graças a projectos como o *CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval* (CLUNL, <http://cipm.fcsh.unl.pt/>) [activo desde 1993], o *DI-CIweb – Corpus Lexicográfico do Português* (Universidade de Aveiro/CLUL, <http://clp.dlc.ua.pt/Projecto.aspx>) e o *P.S. Post Scriptum – Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna* (<http://ps.clul.ul.pt/index.php>)<sup>5</sup>, mas existem projectos activos desde pelo menos 1988, como é o caso do *CRPC – Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-crpc#history>).

Estes projectos mostram também aquela que tem sido uma tendência privilegiada pela comunidade académica que integra ferramentas digitais nos seus projectos de investigação, seja na área da Filologia e Linguística, nos Estudos Literários ou nos Estudos Artísticos: a produção e disponibilização de arquivos digitais de textos. Na área dos estudos linguísticos têm sido vários os projectos dedicados à criação de arquivos digitais (documentos antigos, correspondência ou textos literários), como é exemplo, para além de alguns dos referidos, o projecto desenvolvido na Universidade do Minho, sobre o Arquivo Digital de Tomaz de Figueiredo ([http://www.tomazdefigueiredo.net/Projeto\\_Tomaz\\_Figueiredo/Tomaz\\_Arquivo/](http://www.tomazdefigueiredo.net/Projeto_Tomaz_Figueiredo/Tomaz_Arquivo/)), coordenado por Idalete Maria da Silva Dias, ou o projecto da Universidade de Coimbra, “Nenhum

4 Maria Filomena Gonçalves e Ana Paula Banza, eds., *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia* (Évora: CIDEHUS, 2013), 4–5.

5 Ibid., 7.

Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego” (<http://www.uc.pt/fluc/clp/inv/proj/ldod>), coordenado por Manuel Portela.

Na confluência entre Tecnologias Digitais e Estudos Literários, este último investigador tem sido um dos mais dinâmicos na incorporação do discurso sobre as Humanidades Digitais, com trabalhos e projectos dedicados à edição electrónica e à criação de arquivos digitais de textos (veja-se o site <http://www.ci.uc.pt/diglit/DigLitWebRosto.html>). Também os trabalhos de Pedro Barbosa sobre texto criado por computador, desenvolvidos desde meados da década de 1990, são demonstrativos dessa ligação entre texto e meios de produção e divulgação em formato digital, uma actividade levada a cabo até recentemente por uma equipa mais ampla ligada ao Centro de Estudos em Texto Informático e Cibercultura, da Universidade Fernando Pessoa, do Porto, entretanto desactivado (<http://arquivo.pt/wayback/20131105194748/http://cetic.ufp.pt/>). Helena Barbas, na Universidade Nova de Lisboa tem igualmente desenvolvido um esforço de integração da cultura digital nos Estudos Literários e apresenta um percurso de investigação multifacetado onde se podem destacar os trabalhos sobre narração digital e património cultural<sup>6</sup>.

Na área mais específica dos Estudos de Teatro é de citar o trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa (<http://www.tmp.letras.ulisboa.pt/cet>), existente desde 1994 e com uma presença regular online desde 2000, com vários arquivos digitais e bases de dados de teatro português ou apresentado em Portugal. Ainda no âmbito dos Estudos Literários, explorando conexões entre Literatura, paisagens e ambiente, merece destaque o projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” (<http://paisagensliterarias.ielt.org/>), coordenado por Ana Isabel Queiroz, na Universidade Nova de Lisboa. Projecto relevante pela perspectiva interdisciplinar, bem como pela combinação de análise de texto, bases de dados relacionais e sistemas de informação geográfica.

6 Helena Barbas e Nuno Correia, “Documenting InStory–Mobile Storytelling in a Cultural Heritage Environment,” in *First European Workshop on Intelligent Technologies for Cultural Heritage Exploitation*, ed. Luciana Bordoni, Massimo Zancanaro, e Antonio Krueger (Riva del Garda, 2006), 6–12.

Mas nem só da digitalização, análise e publicação académica de textos se tem feito a relação entre as Humanidades e o Digital em Portugal, pois também nas áreas do Património Imaterial, da Música e da Dança, ou da História da Arte têm sido dados passos relevantes nos últimos anos, com recurso a tecnologias diversificadas, com destaque para o vídeo e som digital (<http://www.memoriamedia.net/index.php/en>), a análise multimodal de artes performativas (<http://tkb.fcsh.unl.pt/>)<sup>7</sup>, a reconstituição 3D<sup>8</sup> ou a modelação histórica em ambiente virtual<sup>9</sup>, de que um dos exemplos mais recentes será o projecto desenvolvido na Universidade de Évora sobre a cidade de Lisboa no período pré-Terramoto de 1755 (<http://lisbon-pre-1755-earthquake.org/>). Também no campo da simulação e da criação dos chamados “jogos sérios” têm sido dados passos interessantes nos últimos anos, como é possível verificar pelos trabalhos desenvolvidos, por exemplo, na Universidade de Coimbra<sup>10</sup> e na Universidade Nova de Lisboa<sup>11</sup>.

#### HUMANIDADES DIGITAIS E INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA: DOS PIONEIROS À ERA GOOGLE

A História e a Arqueologia não são um caso específico ou peculiar no quadro geral da evolução das Humanidades Digitais em Portugal, pelo

7 Carla Fernandes e Stephan Jürgens, “Video Annotation in the TKB Project: Linguistics Meets Choreography Meets Technology,” *International Journal of Performance Arts and Digital Media* 9, n.º 1 (2013): 115–34.

8 Manuela Martins e Paulo Bernardes, “A Multi-Disciplinary Approach for Research and Presentation of Bracara Augusta’s Archaeological Heritage,” *Archeologia E Calcolatori*, n.º XI (2000): 347–57; Paulo Bernardes e Manuela Martins, “Computer Graphics and Urban Archaeology: Bracara Augusta’s Case Study,” in *Advances in Computer Graphics in Portugal*, vol. 4, 2004, <http://virtual.inesc.pt/aicg04/index.html>; Lídia Fernandes e Paulo Sales, “Teatro Romano de Lisboa: projecto reconstituição virtual,” *Arquitectura & Vida*, 2005.

9 CHAIA-UE, “Um novo objecto de estudo: a Lisboa pré-terramoto em mundo virtual,” *APHA Newsletter*, 2011.

10 Joaquim Carvalho e Filipe Penicheiro, “Jogos de computador no ensino da História,” in *Livro de Actas do VIDEOJOGOS 2009 – Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências dos Videojogos*, ed. Ana Veloso, Licínio Roque, e Óscar Mealha (Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009), 401–12.

11 Barbas e Correia, “Documenting InStory–Mobile Storytelling in a Cultural Heritage Environment”; Helena Barbas, “Narrative Memory in Hyperfiction and Games,” in *GameOn’ 2010: 11th International Conference on Intelligent Games and Simulation*, ed. Aladdin Ayeshe (Leicester: Eurosis, 2010), 85–91.



menos no que diz respeito à cronologia dessa evolução. Os primeiros passos foram também dados no final da década de 1970 e início da de 1980, mas foi a década seguinte que testemunhou aquela que terá sido a fase de maior desenvolvimento do campo no meio académico português. Não havendo diferenças assinaláveis na cronologia, há contudo algumas particularidades que podem justificar o destaque aqui feito, em especial no que diz respeito aos métodos e ferramentas adoptadas, como se verá.

Em 1983, o historiador António Hespanha publicou o texto “A micro-informática no trabalho do historiador”<sup>12</sup>. Com este pretendeu fazer já um balanço (talvez precoce) da utilização da informática no ensino e investigação. Depois de uma década de 1970 centrada em grandes projectos de tecnologia e recursos centralizados, de uma utilização dos computadores essencialmente para operações estatísticas, a década de 1980 prometia uma “revolução informática” com computadores mais acessíveis e a divulgação de pacotes de software prontos a usar<sup>13</sup>. Contudo, Hespanha sentiu ainda a necessidade de no seu artigo explicar de forma detalhada não só o funcionamento da linguagem computacional como as características e funções dos vários componentes físicos do “computador pessoal”. Em 1983, esta máquina era ainda uma desconhecida para o público em geral e era apenas reconhecida por uma minoria dos investigadores na comunidade científica<sup>14</sup>. Ao perguntar o que os computadores poderiam fazer pelos historiadores ou o que os historiadores poderiam conseguir com um computador, Hespanha começou pelo óbvio, o uso dos PCs no cálculo estatístico. Através da sua complexificação, potenciada pela capacidade de computação dos PCs, o historiador passava a ter ao dispor uma ferramenta de análise para operações antes impossíveis de realizar ou demasiado morosas e que, em última instância, lhe permitiriam avançar no “raciocínio historiográfico” para modelos interpretativos baseados na “modelização e [n]a extrapolação”. Obviamente, Hespanha não ignorava “algum optimismo”

12 António Manuel Hespanha, “A Micro-Informática no Trabalho do Historiador,” *História e Crítica* XI (1983).

13 Ibid., 17–18.

14 Ibid., 18–24.

das suas observações, mas apontava para um maior rigor na recolha e sistematização dos dados históricos, forçada pela própria dinâmica da computação, que levaria a uma aproximação da disciplina às Ciências Sociais<sup>15</sup>.

Em 1985, Joaquim Carvalho procurou registar igual balanço, desta feita alargado às Ciências Humanas. Destacava aquilo que considerava serem ideias pré-concebidas na relação entre informática e investigação em Humanidades, nomeadamente que os computadores só serviam para operações com dados quantitativos e que para os usar era necessário a mediação de especialistas. Ao contrário, defendia que se privilegiavam as operações com números apenas porque eram mais simples e que os investigadores em Humanidades tinham muito a ganhar em fazer um uso do computador para a análise de informação qualitativa. Para além disso, o facto de o investigador lidar directamente com as ferramentas iria trazer vantagens quer no controlo sobre a informação, quer num desenvolvimento de modelos interpretativos mais robustos<sup>16</sup>.

Provavelmente fruto deste optimismo, em 1988 realizou-se o primeiro “Encontro sobre História e Informática”, organizado pela Associação de Professores de História. O segundo “Encontro...” foi já organizado pela Associação Portuguesa de História e Informática, decorrendo no Minho em Abril de 1989 (estes eventos repetiram-se anualmente até 1992). O entusiasmo pela novidade do tema em Portugal foi certamente responsável pelo sucesso da iniciativa, que terá contado com “cerca de 300” participantes na sua primeira edição, então classificado como “um dos maiores eventos do género na Europa”<sup>17</sup>. A APHI tinha aliás nascido do entusiasmo gerado pelo primeiro “Encontro...”<sup>18</sup>.

Com a APHI começou a publicar-se o *Boletim da Associação Portuguesa de História e Informática*, em Março de 1989, tendo como

15 Ibid., 24–25.

16 Joaquim Carvalho, “Informática e Ciências Humanas,” *Revista Vértice*, n.º 467 (1985).

17 Associação Portuguesa de História e Informática, ed., *Boletim da Associação Portuguesa de História e Informática*, vol. 2 (Coimbra: A.P.H.I., 1989), 4–5.

18 Associação Portuguesa de História e Informática, ed., *Boletim da Associação Portuguesa de História e Informática*, vol. 1 (Coimbra: A.P.H.I., 1989), 3.

um dos seus principais dinamizadores Joaquim Carvalho, da Universidade de Coimbra. Aproveitou-se o entusiasmo que então se vivia em termos internacionais relativamente à aplicação das metodologias computacionais na investigação histórica, com a publicação, no mesmo ano, do primeiro volume da revista *History and Computing*, a sucessora da *Computing and History Today*. A APHI funcionava ainda como um ramo da *Association for History and Computing* em Portugal <sup>19</sup>.

Nesse mesmo ano era publicado o livro *Informática e Ciências Humanas*, de Maria da Conceição Monteiro Rodrigues, com colaboração de Carlos Alberto Trindade. A autora, aliás, tinha sido uma das pioneiras na aplicação dos métodos informáticos à investigação em Arqueologia em Portugal, através da publicação, em 1979, do livro *A informática ao serviço da História da Arte e Arqueologia*, e da docência de uma disciplina de “Introdução à Informática Aplicada à História”, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no princípio da década de 1980 <sup>20</sup>. Neste livro, a autora fez não só um retrato ao ambiente de cepticismo face à utilização dos meios informáticos na investigação em Ciências Humanas que então grassava na comunidade académica portuguesa, como uma reflexão sobre as mudanças mentais e de métodos necessárias para uma aplicação de “qualidade” e não apenas de mera “quantidade” no que diz respeito à utilização da informática na investigação<sup>21</sup>.

Percebe-se aqui uma sintonia de opinião com os testemunhos de António Hespanha e Joaquim de Carvalho. Ressaltava uma vez mais a ideia de que a aplicação da informática aos métodos de investigação em Ciências Sociais e Humanas tinha necessidade de sair do espaço de conforto que representava o tratamento quantitativo, para se focar cada vez mais no domínio do qualitativo. Neste aspecto era também evidente o alinhamento com o discurso elaborado no estrangeiro, onde

<sup>19</sup> Ibid., 1:3 e 27.

<sup>20</sup> Maria da Conceição Monteiro Rodrigues, *Informática e Ciências Humanas* (Lisboa: Palas, 1989), 7.

<sup>21</sup> Ibid., 9–10 e 127–128.

se chamava a atenção para uma necessária “revolução qualitativa e quantitativa na relação entre a História e a Computação”<sup>22</sup>.

À época, em Portugal, acompanhavam-se ou, em alguns casos, antecipavam-se mesmo as últimas tendências internacionais neste domínio, inclusive com a criação de software especificamente pensado para o trabalho do historiador/arquivista, como foi o caso do *Heródoto v1.00*, programa de gestão e recuperação de dados documentais, pensado à imagem do *Kleio*, de Manfred Thaller<sup>23</sup>. O projecto *Heródoto* estava sediado na FCSH e era coordenado por António Hespanha<sup>24</sup>.

Apesar de todo o fervilhar de iniciativas e publicações, o certo era que a aplicação de tecnologias digitais, então designadas normal e genericamente por “computação”, à investigação em História e mesmo noutras Ciências Sociais e Humanas, de que se deram exemplos na secção anterior, gerava respostas ambíguas. Por um lado, era encarada com algum cepticismo. É o próprio Hespanha que o assume em entrevista de 2011, quando recorda o seu ingresso no Instituto de Ciências Sociais, em 1983. As suas “pesquisas empíricas fortemente apoiadas em meios computacionais” geravam então “uma certa desconfiança” ou eram encaradas como uma “bizarria”<sup>25</sup>. Por outro lado, para aqueles mais envolvidos na História Digital, era vista como uma mais-valia, pela possibilidade de tratamento de grandes volumes de dados, “representados de forma homogénea e regular, pesquisáve[is] e comparáve[is] nuns segundos [e] redutíve[is] a grandes padrões”. Mas também por um conjunto de alterações que este novo ambiente potenciava no trabalho do historiador, nomeadamente, a “necessidade de pensar modelos adequados de representar o conhecimento, (...) [de] antecipar esquemas,

22 R. J. Morris, “History and Computing: Expansion and Achievements,” *Social Science Computer Review* 9, n.º 2 (1991): 215.

23 Associação Portuguesa de História e Informática, *Boletim da Associação Portuguesa de História e Informática*, 1989, 2:15–20; Onno Boonstra, Leen Breure, e Peter Doorn, *Past, Present and Future of Historical Information Science* (Amsterdam: Netherlands Institute for Scientific Information, 2004), 26–27.

24 Associação Portuguesa de História e Informática, *Boletim da Associação Portuguesa de História e Informática*, 1989, 1:3.

25 António Manuel Hespanha, “Entrevista a António Manuel Hespanha por Pedro Cardim,” *Análise Social* 46, n.º 200 (2011): 433.

de pensar sobre os dados empíricos, (...) [incentivando] a trabalhar em grupo”<sup>26</sup>.

Nesta perspectiva, o recurso a bases de dados, fosse para estudos seriais, demográficos ou prosopográficos tornou-se então uma tendência muito clara, com várias equipas em universidades um pouco por todo o país a usarem estas ferramentas informáticas nos seus projectos de investigação. Citando apenas alguns exemplos, foram representativos desta utilização os estudos sobre reconstituição de paróquias coordenados por Norberta Amorim, na Universidade do Minho<sup>27</sup>; os trabalhos sobre a venda dos bens nacionais no século XIX levados a cabo por Luís Espinha da Silveira<sup>28</sup>; os trabalhos sobre a sociedade do Antigo Regime desenvolvidos por Joaquim Carvalho, na Universidade de Coimbra<sup>29</sup>; ou ainda sobre população na primeira metade de oitocentos, igualmente por Luís Silveira<sup>30</sup>.

Norberta Amorim, aliás, destacava no início da década de 1990 que o recurso à “micro-informática”, nomeadamente às bases de dados, tinha possibilitado a evolução dos seus estudos sobre reconstituição de famílias que vinham já da década de 60, para uma metodologia mais ampla de reconstituição de paróquias a partir de meados da década de 1980<sup>31</sup>. Contudo, era uma ferramenta que só muito recentemente tinha dado os primeiros passos no meio académico ligado à História, como é visível pelo facto de esta investigadora ainda usar o termo base de dados entre aspas ao

26 Ibid., 439–440.

27 Maria Norberta Amorim, “Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses,” *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica* IX, n.º 1 (1991): 7–26.

28 Luís Espinha da Silveira, “Revolução Liberal e Propriedade. A Venda dos Bens Nacionais no Distrito de Évora (1834–1852)” (Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 1988).

29 Joaquim Carvalho, “Comportamentos Morais e Estruturas Sociais numa paróquia de Antigo Regime (Soure, 1680–1720)” (Doutoramento, Universidade de Coimbra, 1997).

30 Luís Espinha da Silveira, ed., *Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849, edição crítica*, 3 vols. (Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001).

31 Amorim, “Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses,” 7; Maria Norberta Amorim et al., “Reconstituição de paróquias e formação de uma base de dados central,” in *Congresso da Associação Portuguesa de Demografia Histórica: actas* (Lisboa, 2001), 60; veja-se ainda trabalho anterior da mesma autora onde se fez uma primeira abordagem à ligação entre demografia e “micro-informática” Maria Norberta Amorim e Luís Lima, “Demografia histórica e micro-informática: uma experiência sobre uma paróquia açoriana,” *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* XLIV (1986): 191–209.

longo de todo o artigo publicado em 1991<sup>32</sup>. Mesmo quando eram utilizadas as novas ferramentas digitais, os investigadores que delas faziam uso não deixavam de demonstrar ainda algum cepticismo, apontando a “conveniência” de continuar a guardar os registos em “cadernos (...) de folhas amovíveis (...) que funcionam como duplicado das fichas electrónicas”<sup>33</sup>. De qualquer modo, à passagem para o meio informático era atribuído um conjunto de vantagens relacionadas com a capacidade e rapidez de processamento da informação, a facilidade de pesquisa e a automatização de um conjunto de processos que facilitariam a vida ao historiador<sup>34</sup>.

Alguns anos depois, as aspas já tendiam a desaparecer da expressão “base de dados” e as vantagens da informatização do processo de investigação eram apresentadas com maior clareza, nomeadamente, a possibilidade de “tratar com novo fôlego a informação histórica massiva”, de “fortalecimento da base científica dos estudos” desenvolvidos e do “reforço da investigação interdisciplinar”<sup>35</sup>. Posteriormente, fruto do desenvolvimento do projecto a partir de 1997, surgiu o SEED, Sistema para o Estudo da Evolução Demográfica, cuja última versão pode ser acedida através do endereço <http://www3.di.uminho.pt/~gepl/SEED/><sup>36</sup>. Em 2004, num esboço de síntese do que tinham sido os desenvolvimentos da relação entre informática e estudos de demografia histórica, João Antero Ferreira, pôde já declarar que a evolução dos últimos 20 anos se traduzia num “exemplo de sucesso”<sup>37</sup>.

Contudo, até meados da década de 1990, com raras excepções e apesar do apelo de Joaquim de Carvalho no seu texto de 1985, a utiliza-

32 Amorim, “Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses,” 8–9.

33 Ibid., 9.

34 Ibid., 10.

35 Maria Norberta Amorim, “Informatização normalizada de arquivos: reconstituição de paróquias e história das populações: um projecto interdisciplinar,” *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica* XIII, n.º 2 (1995): 141–143.

36 Rafael Fernandes Félix et al., “XML na demografia histórica: anotação de registos paroquiais,” in *Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação* (Coimbra: Associação Portuguesa de Sistemas de Informação, 2002).

37 João Antero Gonçalves Ferreira, “Sistemas informáticos para análise de dados demográficos: uma abordagem histórica,” in *Actas del VII Congreso Internacional de la ADEH* (Granada, 2004), 12.

ção das ferramentas informáticas era feita com o recurso à colaboração de engenheiros e técnicos informáticos, afastando muitas das vezes os investigadores do processo crítico de construção do modelo informático de dados, que hoje em dia se considera fundamental para a elaboração de bases de dados aplicadas a projectos das Humanidades<sup>38</sup>. Uma das excepções mais significativas corresponde aos trabalhos desenvolvidos precisamente por Joaquim de Carvalho, preocupado não só com a utilização dos recursos informáticos para auxiliar na gestão “eficaz [de] uma grande quantidade de informação multi-variada”, mas essencialmente com a necessidade de tornar esses instrumentos “reaproveitáveis”. Chamava ainda a atenção para o próprio processo da sua elaboração, que permitiria trazer esclarecimentos sobre a “lógica interna de determinados processos históricos”<sup>39</sup>. O trabalho desenvolvido, em grande medida, deu origem ao projecto TimeLink, uma ferramenta *online* de acesso aberto para a análise de redes prosopográficas (<http://timelink.fl.uc.pt/>).

A importância e relevância dos recursos digitais disponíveis para a investigação em História parecia ser cada vez maior em meados da década de 1990. Mas a imagem sobre o real impacto destes processos na transformação do trabalho do historiador mantinha-se algo ambígua, uma vez que em 1997 ainda se confessava que era “raro [o] historiador com forte *background* informático”<sup>40</sup>. Efectivamente, é difícil apontar muitos historiadores e menos ainda equipas de investigação amplas, para além dos já citados, que nesta altura centrassem o seu trabalho de investigação exclusivamente ou, pelo menos, em grande medida na utilização de ferramentas e métodos digitais.

Alguns anos depois, em 2005, continuava-se a falar em “micro-informática” para a história e destacava-se “a constituição de bases de dados” como o “campo por excelência” de “aplicação da informática à investigação histórica”<sup>41</sup>. Apesar dos avanços tecnológicos a utilização

38 John Bradley, “Silk Purses and Sow’s Ears: Can Structured Data Deal with Historical Sources?,” *International Journal of Humanities and Arts Computing* 8, n.º 1 (2014): 13–27.

39 Carvalho, “Comportamentos Morais e Estruturas Sociais numa paróquia de Antigo Regime.”

40 Ibid.

41 Nuno Camarinhas, “Do manuscrito ao teclado: Os usos da informática na investigação histórica,” in *História do Teatro e Novas Tecnologias* (Lisboa: Centro de Estudos de Teatro, 2005), 3–4.

destas ferramentas ainda era pensada quase exclusivamente para o tratamento de “qualquer documento que tenha informação estruturada e serial”<sup>42</sup>. Contudo, a maior divulgação do seu uso (até recentemente era frequente que projectos de História financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia tivessem entre os seus objectivos a elaboração de uma base de dados), a maior familiaridade dos investigadores com estas ferramentas e igualmente a versatilidade que as mesmas atingiram, até aquelas inicialmente criadas com fins puramente comerciais, têm possibilitado outros usos, inclusive com informação essencialmente textual, como é possível verificar pelos projectos apresentados num recente workshop sobre “Bases de dados para as Ciências Humanas” (<http://www.ihc.fcsh.unl.pt/pt/encontros-cientificos/congressos-e-coluquios/item/35546-workshop-bases-de-dados-para-as-ci%C3%A2ncias-humanas>), bem como em algumas publicações que procuraram cruzar fontes textuais, bases de dados e sistemas de informação geográfica, por exemplo<sup>43</sup>.

Associada a alguns destes projectos que privilegiaram o recurso às bases de dados relacionais, nomeadamente àqueles que tinham uma componente territorial vincada, foi-se desenvolvendo, a partir de meados da década de 1990, a utilização de sistemas de informação geográfica (SIG). Nesta área foi pioneira uma equipa de investigação da FCSH, coordenada por Luís Silveira<sup>44</sup>. Os trabalhos levados a cabo começaram por aquilo que era comum à época na ligação entre SIG e História a nível internacional, a elaboração de grandes projectos de reconstituição dos limites administrativos históricos dos países, para ser-

42 Ibid., 4.

43 Daniel Alves e Ana Isabel Queiroz, “Studying Urban Space and Literary Representations Using GIS: Lisbon, Portugal, 1852-2009,” *Social Science History* 37, n.º 4 (2013): 457–81; André Evangelista Marques e Gabriel David, “Bases de dados relacionais enquanto ferramenta de investigação em História,” in *VI Encontro Ibérico EDICIC 2013 / Globalização, Ciência, Informação - Atas* (Porto: CETAC.MEDIA - Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação, 2013), 741–60.

44 Luís Espinha da Silveira, Margarida Lopes, e Cristina Joanaz de Melo, “Mapping Portuguese Historical Boundaries with a GIS,” in *Structures and Contingencies in Computerized Historical Research*, ed. Onno W. A. Boonstra, Geurt Collenteur, e Bart van Elderen (Hilversum: Uitgeverij Verloren, 1995), 245–52; Luís Espinha da Silveira, *Território e Poder. Nas origens do Estado contemporâneo em Portugal* (Cascais: Patrimonia, 1997).



virem de base ao estudo dos dados quantitativos recolhidos em longas séries temporais. No caso de Portugal, estes esforços culminaram com a disponibilização em 2001 do site *Atlas, Cartografia Histórica* (<http://atlas.fcsh.unl.pt/>) e deram origem a uma área de estudos hoje bem consolidada, com investigação desenvolvida desde a História Urbana à História Transnacional<sup>45</sup>.

A utilização de web-SIG para a disponibilização de investigação histórica teve ainda um outro desenvolvimento através do site “Atlas Histórico Digital do Alentejo”, projecto hoje apenas parcialmente disponível através do Internet Archive (<https://web.archive.org/web/20120101065256/http://geowebserver.xdi.uevora.pt/>). Mais recentemente são também de destacar, nesta vertente de ligação entre os SIG e a investigação histórica, os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projecto DynCoopNet (<http://www.dyncoopnet-pt.org/>) cuja equipa portuguesa foi coordenada por Amélia Polónia da Universidade do Porto<sup>46</sup>.

Também na Arqueologia o recurso aos SIG tem representado uma área de investigação bastante desenvolvida, sendo possível apontar a segunda metade da década de 1990 e a criação do sistema “Endovélico” como um marco na ligação entre essa ferramenta digital e a Arqueologia em Portugal. Desde essa altura muitos têm sido os trabalhos desenvolvidos, um pouco por todas as universidades portuguesas e com perspectivas de análise temática e temporal muito diversificadas. Correndo o risco de deixar de fora trabalhos relevantes para a Arqueologia Digital, referem-se aqui apenas alguns exemplos, nomeadamente, os

45 Luís Espinha da Silveira et al., “The Evolution of Population Distribution on the Iberian Peninsula: A Transnational Approach (1877–2001),” *Historical Methods: A Journal of Quantitative and Interdisciplinary History* 46, n.º 3 (2013): 157–74; Luís Espinha da Silveira, “Geographic Information Systems and Historical Research: An Appraisal,” *International Journal of Humanities and Arts Computing* 8, n.º 1 (2014): 28–45.

46 Amélia Polónia, Amândio Barros, e Miguel Nogueira, “‘Now and Then, Here and There ... on Business’: Mapping Social/Trade Networks on First Global Age,” in *Mapping Different Geographies*, ed. Karel Kriz, William Cartwright, e Lorenz Hurni, Lecture Notes in Geoinformation and Cartography (Heidelberg: Springer, 2010), 105–28; Sara Pinto, “Geographic Projections of a 16th Century Trade Network: New Meanings for Historical Research,” in *Understanding Different Geographies*, ed. Karel Kriz, William Cartwright, e Michaela Kinberger, Lecture Notes in Geoinformation and Cartography (Heidelberg: Springer, 2013), 203–14.

projectos e estudos desenvolvidos por Manuela Martins, Marcos Osório, Jorge Freire ou Miguel Nogueira<sup>47</sup>.

Na História, a vertente de criação e disponibilização online de arquivos digitais tem também gerado muito interesse no meio académico, podendo ser apontados exemplos de praticamente todas as universidades e centros de investigação em História do país, ficando aqui uma referência a alguns dos mais recentes. É o caso do projecto “Memórias Paroquiais 1758”, da Universidade de Évora (<http://www.portugal1758.uevora.pt/>), coordenado por Fernanda Olival, do projecto “MOSCA”, também de Évora (<http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/>), coordenado por João Freire e Paulo Guimarães<sup>48</sup>, ou do projecto “Portugal 14-18”, do Instituto de História Contemporânea, que tem a particularidade de ser um dos primeiros exemplos de recurso ao *crowdsourcing* para a recolha de documentos e memórias sobre a Primeira Guerra Mundial (<http://www.portugal1914.org/>).

Em alguns trabalhos recentes, a comunidade de investigadores ligada à História e à Arqueologia sentiu necessidade de fazer um balanço da aplicação das metodologias digitais à investigação nestas duas disciplinas, embora o principal enfoque tenha sido dado aos desenvolvimentos em termos internacionais<sup>49</sup>. A excepção a este panorama é o estudo de Maria Cristina Guardado e Maria Manuel Borges<sup>50</sup>, embora

47 Martins e Bernardes, “A Multi-Disciplinary Approach for Research and Presentation of Bracara Augusta’s Archaeological Heritage”; Marcos Osório e Telmo Salgado, “Um Sistema de Informação Geográfica aplicado na Arqueologia do Município do Sabugal,” *Praxis Archaeologica*, n.º 2 (2007): 9–22; Migel Nogueira, “Percurso metodológico para a implementação de um SIG em arqueologia mineira: breves reflexões,” in *Mineração e povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental*, ed. Carla Maria Braz Martins (Porto: CITCEM, 2010), 179–87; J. Freire, J. Bettencourt, e A. Fialho, “Sistemas de Informação Geográfica na gestão do Património Cultural Subaquático: a experiência da Carta Arqueológica Subaquática de Cascais,” in *2as Jornadas de Engenharia Hidrográfica* (Lisboa, 2012), 365–68.

48 João Freire e Paulo Guimarães, “Do Arquivo Histórico-Social ao Projecto Mosca,” *A Ideia: revista de cultura libertária*, 71–72 (2013): 243–46.

49 Danny Rangel e Nelson Almeida, “A Arqueologia na Era Digital: Contexto e tendências,” *Revista Internacional de Humanidades* 1, n.º 2 (2012): 39–51; Danny Rangel, “Do mundo digital às humanidades digitais,” *Techne* 1, n.º 1 (2013): 17–23; Daniel Alves, “Introduction: Digital Methods and Tools for Historical Research,” *International Journal of Humanities and Arts Computing* 8, n.º 1 (2014): 1–12.

50 Maria Cristina Guardado e Maria Manuel Borges, “Digital History in Portugal: A Survey,” in *Science and the Internet*, ed. Alexander Tokar et al. (Düsseldorf: Dup, 2012), 43–58.

mais centrado na tentativa de identificar os centros e os projectos de investigação onde a área da História Digital tem tido mais impacto. Tal como ocorreu no final da década de 1980, a História e a Arqueologia digitais em Portugal parecem estar agora numa nova fase de importação de paradigmas, desta feita centrada na incorporação do discurso de afirmação das Humanidades Digitais. Em qualquer caso, quer o reforço do trabalho colaborativo, com projectos que agora incluem equipas cada vez mais multidisciplinares, quer a abertura a novas temáticas e metodologias, inclusive da área das Ciências, podem ser destacados como dois dos aspectos mais visíveis deste percurso de algumas décadas de incorporação do digital no trabalho dos historiadores. Com dificuldade se falará de uma verdadeira “revolução”, como era recorrente nas análises mais optimistas feitas até ao final da década de 1990<sup>51</sup>, mas o aprofundamento metodológico, o reforço da interdisciplinaridade e uma maior valorização do trabalho em rede, são em parte consequência de um maior agenciamento introduzido pelo discurso das Humanidades Digitais e tendem a deixar cada vez menos historiadores indiferentes a estas mudanças.

### **O DISCURSO DAS HUMANIDADES DIGITAIS EM PORTUGAL (VERSÃO 2.015)**

A tentativa de afirmação de um novo campo de investigação pode ser feita através de um caminho mais formal e institucional, com a criação de centros e institutos especificamente dedicados ao desenvolvimento das novas temáticas ou metodologias. Pode ainda assentar na elaboração de um discurso próprio, que adapta e reconfigura tendências vindas do passado ou que importa expressões, conceitos, métodos e problemas de outras disciplinas ou de outros meios académicos, em especial do estrangeiro. Ou pode, enfim, seguir os dois caminhos em paralelo, obviamente. No caso português, a tendência actual parece ser a segunda hipótese. Não se quer com isto afirmar que alguns dos centros de investigação atrás referidos ou até outros ainda mais focados na vertente

<sup>51</sup> Alves, ‘Introduction: Digital Methods and Tools for Historical Research’.

informática/digital não possam ser integrados no que agora chamamos de Humanidades Digitais. Em grande medida, é precisamente desses centros que tem surgido muito do discurso e da prática que procura afirmar o novo campo em Portugal. Contudo, o processo tem sido menos sistemático, mais informal, sendo possível detectá-lo através de outros sinais que não o formalismo das instituições.

É difícil garantir com certeza absoluta quem usou a expressão “Humanidades Digitais” em português pela primeira vez e quando é que o fez, o que talvez não seja muito relevante. O mesmo se pode dizer sobre a “História Digital”. Contudo, é possível afirmar que esse uso representa já um primeiro sinal do início do processo de transformação do que era antes a “computação para as Humanidades” ou a “Informática aplicada às Humanidades”, para as “Humanidades Digitais”. Sem certezas absolutas, é bem provável que o ano de 2010 tenha sido o ano de viragem. Os sinais nesse sentido são vários e visíveis quer através do ensino, quer da investigação.

Helena Barbas, uma das investigadoras já mencionadas, tem dinamizado a área das Humanidades Digitais na FCSH, pelo menos desde 2004, com a oferta de cursos livres ou várias disciplinas de licenciatura e mestrado. Na área dos Estudos Literários tem apostado quer na adopção de uma perspectiva digital ao ensino, quer na incorporação das designações que actualmente caracterizam o campo, pois se em 2007 introduziu no mestrado a disciplina “Literatura e Novos Média”, em 2010 alterou-lhe o nome para “Humanística Digital” (<http://www.helenabarbas.net/>). Pelo que foi possível apurar, apesar da ligeira adaptação no nome, este terá sido um dos primeiros usos da expressão “Humanidades Digitais”, de forma oficial, na academia portuguesa.

Mas pelo que foi possível apurar numa pesquisa online aos guias curriculares de várias universidades, a expressão continua praticamente ausente, com uma única excepção. Na Universidade Fernando Pessoa, no seu Mestrado em Docência e Gestão da Educação, existe actualmente uma cadeira em “Ciência, Tecnologia e Humanidades Digitais”. A cadeira foi criada em 2009, contudo foi-lhe acrescentada a expressão “humanidades digitais” apenas em 2013. O que permanecem são outras

designações, que embora não incorporem a expressão da moda, se assim se pode dizer, não deixam de poder ser incluídas no novo campo disciplinar. Entre outros, é o caso de “Informática Aplicada à História”, disciplina obrigatória na Licenciatura em História da Universidade Nova de Lisboa, em funcionamento desde 2002; do Mestrado “Euromachs - European Heritage, Digital Media and the Information Society”, criado em 2008, na Universidade de Coimbra; ou ainda do seminário “Cultura Digital e Estudos Literários”, do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, da Universidade de Coimbra, em funcionamento desde 2005. Obviamente, todos estes exemplos e outros que se lhes poderiam juntar, mostram que o campo das Humanidades Digitais já existia antes de lhe ser atribuída esta designação importada do mundo anglo-saxónico.

No âmbito da investigação e das publicações académicas, a afirmação de um novo discurso que incorpora a designação ou conceito de Humanidades Digitais é igualmente recente e não se pode dizer, uma vez mais, que seja muito abrangente. Uma pesquisa feita no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP - <http://www.rcaap.pt/>), usando os termos “digital humanities”, “humanidades digitais” e “humanística digital”, a que se juntou “digital history” e “história digital”, mostra que estas designações entraram no léxico académico português apenas a partir de 2010 e mesmo assim de forma muito tímida. O número de resultados obtidos com uma pesquisa combinada de todas estas expressões, em todos os campos disponíveis, incluindo no texto integral das publicações, é muito reduzido (31 publicações em milhares de referências disponíveis) e restringe-se a um ainda mais reduzido número de investigadores que, já antes dessa data, estavam amplamente envolvidos em investigação em Humanidades com recurso a Tecnologias Digitais, casos de Manuel Portela, Helena Barbas, Daniel Alves, Maria Filomena Gonçalves, Ana Paula Banza, Dália Guerreiro ou José Borbinha. Talvez ainda mais significativo é o facto de apenas sete vezes ser usada a expressão “humanidades digitais” nas palavras-chaves que classificam as publicações nos repositórios, sendo a expressão em inglês usada apenas em dois casos. Uma pesquisa semelhante realizada na

PORBASE, Base Nacional de Dados Bibliográficos (<http://porbase.bnportugal.pt/>), que agrega as principais bibliotecas nacionais, revela mesmo a ausência destas expressões, seja a pesquisa feita nos campos de assunto ou de título, o que uma vez mais demonstra que a apropriação do discurso ligado a este campo de investigação no meio académico nacional é ainda muito reduzida.

Há obviamente excepções e os últimos anos têm visto aumentar as referências. Os termos “Computação para...” ou “Informática aplicada a...” aparecem ainda, mas cada vez mais, em especial dentro do grupo de investigadores mais envolvidos numa investigação de forte componente digital, impõe-se a designação “Humanidades Digitais”. Vejam-se, por exemplo, alguns trabalhos de Idalete Maria da Silva Dias, desde 2012, com várias comunicações a congressos sobre a temática das Humanidades Digitais: “Was heißt Digital Humanities/digitale Geisteswissenschaften eigentlich?” (“O que são as Humanidades Digitais?”) ou “Repensar as Humanidades na Era Digital”, são dois dos exemplos. A autora já antes (em 2008) tinha feito algumas comunicações sobre a mesma temática, mas então usando a expressão “Humanidades e Tecnologias”. Ou ainda os trabalhos mais recentes de Dália Guerreiro e José Borbinha, nomeadamente “Humanidades Digitais: novos desafios e oportunidades” (de 2014).

Existem ainda casos mais recentes e talvez mais simbólicos dessa apropriação de um novo vocabulário para designar uma prática já com algumas décadas, provavelmente renomeada agora com o intuito de dar um novo fôlego à afirmação deste campo de investigação e ensino. Isto é visível na publicação de trabalhos onde a expressão é usada com frequência ou onde aparece explicitamente no título<sup>52</sup>; na realização de conferências e congressos, como sejam “As Humanidades Digitais: entre a investigação e a formação de professores”, conferência organizada por Isabel Pinto, da Universidade Católica, em 2014, ou o “Congresso

<sup>52</sup> Gonçalves e Banza, *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*; Manuel Portela, “‘Nenhum Problema Tem Solução’: Um Arquivo Digital do Livro do Desassossegado,” *MATLIT: Materialidades da Literatura* 1, n.º 1 (2013): 9–33; Rangel, “Do mundo digital às humanidades digitais”.

de Humanidades Digitais em Portugal: quebrar barreiras e construir pontes na era digital”, realizado em Outubro de 2015 e organizado por Daniel Alves, Rita Marquilhas, Manuel Portela e Dália Guerreiro; ou até na formalização de linhas de investigação com referência explícita ao campo, como a linha temática “Humanidades Digitais e Investigação Histórica” no Instituto de História Contemporânea (<http://ihc.fcsh.unl.pt/pt/investigacao/linhas-investigacao/item/38002-humanidades-digitais-e-investiga%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica>) ou o “Núcleo Património e Humanidades Digitais”, da Universidade de Coimbra ([http://www.uc.pt/iii/ceis20/grupos\\_investigacao/Nucleo](http://www.uc.pt/iii/ceis20/grupos_investigacao/Nucleo)).

Por fim, um olhar pelo mundo dos blogues, feito através de uma pesquisa por “Humanidades Digitais” no título da página com o Google, não detecta uma utilização abundante da designação. Sendo a primeira referência aparentemente feita em 2010, numa entrada de um blogue (<http://goo.gl/KmIe9Y>), poucas referências mais se conseguem encontrar (<http://goo.gl/vrSWZ5>; <http://goo.gl/tT4MfV>; <http://goo.gl/sNkn3L>; <https://goo.gl/z6F5ZI>; <http://goo.gl/U4tgLh>), sendo que apenas uma inclui a expressão no título do blogue e não no título de uma das suas entradas, caso do blogue “Bibliotecas e humanidades digitais” de Dália Guerreiro (<http://bdh.hypotheses.org/>).

Em conclusão, é possível afirmar que o momento vivido pelas Humanidades Digitais e a sua incorporação na investigação histórica em Portugal é de transição. Se se tiver em conta a característica genérica que normalmente se associa a este campo, uma forte ligação entre a investigação em Humanidades e a incorporação de métodos e ferramentas das Tecnologias Digitais, então a prática e os praticantes em Portugal vêm já desde a década de 1980. Se por um lado é certo que este campo nunca foi encarado com benevolência pelo *mainstream* académico, ele não deixou de fazer o seu caminho, por vezes de forma individualizada, sem grandes contactos ou colaborações entre os vários investigadores ou os pequenos grupos de investigação que se foram formando. Por outro lado, a apropriação/importação de um novo discurso para uma prática já vetusta, se é permitida a expressão, não assumindo o carácter de uma “onda avassaladora”, mostra alguma necessidade de

renovar a afirmação de uma perspectiva de investigação, prática, ensino e divulgação que cada vez mais se quer interdisciplinar, colaborativa e internacionalizada.

A esta tendência não é alheio um conjunto de eventos e iniciativas que têm colocado as Humanidades Digitais em Portugal no quadro mais amplo dos meios académicos que falam e trabalham em português e também em espanhol. É o caso, por exemplo, das edições do “Day of DH” dedicadas aos investigadores daquelas áreas linguísticas (“Dia das Humanidades Digitais 2013” (<http://dhd2013.filos.unam.mx/>), de Junho de 2013 e de Outubro de 2014 (“Dia das Humanidades Digitais 2014” <http://diahd2014.filos.unam.mx/pt-pt/>). Também é de destacar a fundação, em Outubro de 2013, da Associação das Humanidades Digitais (<http://ahdig.org/>) que procura reunir investigadores e projectos de investigação neste campo a trabalharem nos meios académicos brasileiro e português. De realçar ainda a organização de um primeiro Congresso de Humanidades Digitais em Portugal, em 2015, que contou com cerca de 160 participantes, 85% dos quais portugueses ou ligados a universidades portuguesas (<https://congressohdpt.wordpress.com/>).

Sobre estas tendências e iniciativas, bem como a forma como as mesmas podem representar a afirmação desse novo discurso no campo da Língua Portuguesa (e Espanhola), foi apresentado um estudo na *Digital Humanities Conference* de 2014 em Lausanne, entretanto publicado<sup>53</sup>. Sintomático ainda desse caminho que agora se começa a trilhar é o facto de outro estudo recente que procurou fazer o mapa das HD em espanhol e português colocar Portugal em terceiro lugar, logo a seguir à Espanha e ao México, no número de investigadores que se identificam actualmente como sendo “humanistas digitais”<sup>54</sup>.

Por fim, a separação que aqui se fez entre Humanidades Digitais e História Digital foi mais instrumental do que efectiva ou desejada.

53 Ernesto Priani Saisó et al., “Las humanidades digitales en español y portugués. Un estudio de caso: DíaHD/DiaHD”, *Anuario Americanista Europeo*, 12 (2014): 5–18.

54 Erika Ortega e Silvia Eunice Gutiérrez, “MapaHD. Una exploración de las Humanidades Digitales en español y portugués,” in *Ciencias Sociales y Humanidades Digitales Técnicas, herramientas y experiencias de e-Research e investigación en colaboración*, ed. Esteban Romero Frías e Maria Sánchez González (La Laguna: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2014), 111.



A História Digital é hoje uma parte integrante e bastante activa das Humanidades Digitais, tal como a História é parte das Humanidades e das Ciências Sociais. Na perspectiva que aqui se procurou destacar, começando logo no título, o reforço da interdisciplinaridade potenciado pelas Humanidades Digitais, com a diversidade dos métodos disponíveis e com a riqueza temática que é possível abarcar, devem ser aspectos a valorizar como uma forma de afirmar, cada vez mais, o lugar e a pertinência da introdução das Tecnologias Digitais nos estudos humanísticos e no caso da História em particular. Em Portugal, esse caminho leva já algumas décadas, tem sido percorrido de forma lenta é certo, mas com alguma consistência, sendo que o recente ímpeto para a introdução do discurso das Humanidades Digitais pode ser visto como mais uma forma de procurar atingir aquele objectivo.

## REFERÊNCIAS:

- Alves, Daniel. 'Introduction: Digital Methods and Tools for Historical Research.' *International Journal of Humanities and Arts Computing* 8, n.º 1 (2014): 1–12.
- Alves, Daniel, e Ana Isabel Queiroz. 'Studying Urban Space and Literary Representations Using GIS: Lisbon, Portugal, 1852-2009.' *Social Science History* 37, n.º 4 (2013): 457–81.
- Amorim, Maria Norberta. 'Informatização normalizada de arquivos: reconstituição de paróquias e história das populações: um projecto interdisciplinar.' *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica* XIII, n.º 2 (1995): 141–50.
- Amorim, Maria Norberta. 'Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses.' *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica* IX, n.º 1 (1991): 7–26.
- Amorim, Maria Norberta, e Luís Lima. 'Demografia histórica e micro-informática: uma experiência sobre uma paróquia açoriana.' *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* XLIV (1986): 191–209.
- Amorim, Maria Norberta, Maribel Yasmina Santos, Antero Ferreira, Pedro Rangel Henriques e Fátima Rodrigues. 'Reconstituição de paróquias e formação de uma base de dados central.' In *Congresso da Associação Portuguesa de Demografia Histórica: actas*, 57–66. Lisboa, 2001.
- Associação Portuguesa de História e Informática, ed. *Boletim da Associação Portuguesa de História e Informática*. Vol. 2. Coimbra: A.P.H.I., 1989.
- Associação Portuguesa de História e Informática, ed. *Boletim da Associação Portuguesa de História e Informática*. Vol. 1. Coimbra: A.P.H.I., 1989.
- Barbas, Helena. 'Narrative Memory in Hyperfiction and Games.' In *GameOn' 2010: 11th International Conference on Intelligent Games and Simulation*, editado por Aladdin Ayeshe, 85–91. Leicester: Eurosis, 2010.
- Barbas, Helena, e Nuno Correia. 'Documenting InStory–Mobile Storytelling in a Cultural Heritage Environment.' In *First European Workshop on Intelligent Technologies for Cultural Heritage Exploitation*, editado por Luciana Bordonì, Massimo Zancanaro e Antonio Krueger, 6–12. Riva del Garda, 2006.
- Bernardes, Paulo, e Manuela Martins. 'Computer Graphics and Urban Archaeology: Bracara Augusta's Case Study.' In *Advances in Computer Graphics in Portugal*, Vol. 4, 2004. <http://virtual.inesc.pt/aicg04/index.html>.
- Boonstra, Onno, Leen Breure e Peter Doorn. *Past, Present and Future of Historical Information Science*. Amesterdão: Netherlands Institute for Scientific Information, 2004.
- Bradley, John. 'Silk Purses and Sow's Ears: Can Structured Data Deal with Historical Sources?' *International Journal of Humanities and Arts Computing* 8, n.º 1 (April 2014): 13–27.
- Camarinhas, Nuno. 'Do manuscrito ao teclado: Os usos da informática na investigação histórica.' In *História do Teatro e Novas Tecnologias*, 1–7. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro, 2005.
- Carvalho, Joaquim. 'Comportamentos Morais e Estruturas Sociais numa paróquia de Antigo Regime (Soure, 1680-1720).' Doutoramento, Universidade de Coimbra, 1997.
- Carvalho, Joaquim. 'Informática e Ciências Humanas.' *Revista Vértice* XLV, n.º 467 (1985): 25–36.
- Carvalho, Joaquim, e Filipe Penicheiro. 'Jogos de computador no ensino da História.' In *Livro de Actas do VIDEOJOGOS 2009 – Congresso da Sociedade Portuguesa de*

*Ciências dos Videojogos*, editado por Ana Veloso, Licínio Roque e Óscar Mealha, 401–12. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009.

CHAIA-UE. ‘Um novo objecto de estudo: a Lisboa pré-terramoto em mundo virtual.’ *APHA Newsletter*, 2011.

Cohen, Daniel J., Michael Frisch, Patrick Gallagher, Steven Mintz, Kirsten Sword, Amy Murrell Taylor, William G. Thomas III e William J. Turkel. ‘Interchange: The Promise of Digital History.’ *Journal of American History* 95 (2008): 452–91.

Cruz, Rogéria. ‘A informática linguística e o futuro do português: elementos para a definição de uma política nacional em Portugal.’ *Ciência da Informação* 15, n.º 1 (30 Junho 1986): 27–32.

Emiliano, António. ‘Tipo medieval para computadores: uma ferramenta informática para filólogos, historiadores da língua e paleógrafos.’ *SIGNO: Revista de la Historia de la Cultura Escrita*, n.º 15 (2005): 139–76.

Félix, Rafael Fernandes, Fernanda Faria, Maribel Yasmina Santos e Pedro Rangel Henriques. ‘XML na demografia histórica: anotação de registos paroquiais.’ In *Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação*. Coimbra: Associação Portuguesa de Sistemas de Informação, 2002.

Fernandes, Carla, e Stephan Jürgens. ‘Video Annotation in the TKB Project: Linguistics Meets Choreography Meets Technology’. *International Journal of Performance Arts and Digital Media* 9, n.º 1 (2013): 115–34.

Fernandes, Lúcia, e Paulo Sales. ‘Teatro Romano de Lisboa: projecto reconstituição virtual.’ *Arquitectura & Vida*, 2005.

Ferreira, João Antero Gonçalves. ‘Sistemas informáticos para análise de dados demográficos: uma abordagem histórica.’ In *Actas del VII Congreso Internacional de la ADEH*, 1–15. Granada, 2004.

Freire, J., J. Bettencourt. e A. Fialho. ‘Sistemas de Informação Geográfica na gestão do Património Cultural Subaquático: a experiência da Carta Arqueológica Subaquática de Cascais.’ In *2as Jornadas de Engenharia Hidrográfica*, 365–68. Lisboa, 2012.

Freire, João, e Paulo Guimarães. ‘Do Arquivo Histórico-Social ao Projecto Mosca.’ *A Ideia: revista de cultura libertária*, 71–72 (2013): 243–46.

Gonçalves, Maria Filomena, e Ana Paula Banza, eds. *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora: CIDEHUS, 2013.

Guardado, Maria Cristina, e Maria Manuel Borges. ‘Digital History in Portugal: A Survey.’ In *Science and the Internet*, editado por Alexander Tokar, Michael Beurskens, Cornelius Puschmann, Susanne Keuneke, Merja Mahrt, Isabella Peters, Timo van Treeck e Katrin Weller, 43–58. Düsseldorf: Dup, 2012.

Hespanha, António Manuel. ‘A Micro-Informática no Trabalho do Historiador.’ *História e Crítica* XI (1983).

Hespanha, António Manuel. ‘Entrevista a António Manuel Hespanha por Pedro Cardim.’ *Análise Social* 46, n.º 200 (2011): 430–45.

Marques, André Evangelista, e Gabriel David. ‘Bases de dados relacionais enquanto ferramenta de investigação em História.’ In *VI Encontro Ibérico EDICIC 2013 / Globalização, Ciência, Informação - Atas*, 741–60. Porto: CETAC.MEDIA - Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação, 2013.

Marquilha, Rita, e Iris Hendrickx. ‘Manuscripts and Machines: The Automatic Replacement of Spelling Variants in a Portuguese Historical Corpus.’ *International Journal of Humanities and Arts Computing* 8, n.º 1 (April 2014): 65–80.

Martins, Manuela, e Paulo Bernardes. 'A Multi-Disciplinary Approach for Research and Presentation of Bracara Augusta's Archaeological Heritage.' *Archeologia E Calcolatori*, n.º XI (2000): 347–57.

Morris, R. J. 'History and Computing: Expansion and Achievements.' *Social Science Computer Review* 9, n.º 2 (7 January 1991): 215–30.

Nogueira, Migel. 'Percurso metodológico para a implementação de um SIG em arqueologia mineira: breves reflexões.' In *Mineração e povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental*, editado por Carla Maria Braz Martins, 179–87. Porto: CITCEM, 2010.

Ortega, Erika, e Silvia Eunice Gutiérrez. 'MapaHD. Una exploración de las Humanidades Digitales en español y portugués.' In *Ciencias Sociales y Humanidades Digitales Técnicas, herramientas y experiencias de e-Research e investigación en colaboración*, editado por Esteban Romero Frías and Maria Sánchez González, 101–28. La Laguna: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2014.

Osório, Marcos, e Telmo Salgado. 'Um Sistema de Informação Geográfica aplicado na Arqueologia do Município do Sabugal.' *Praxis Archaeologica*, n.º 2 (2007): 9–22.

Paiva, Maria Helena Pinto Novais. 'Os gramáticos portugueses quinhentistas e a fixação do padrão linguístico: contribuição da Informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança.' Doutoramento, Universidade do Porto, 2002.

Parkinson, Stephen R., e António Emiliano. 'Encoding Medieval Abbreviations for Computer Analysis (from Latin–Portuguese and Portuguese Non-Literary Sources).' *Literary and Linguistic Computing* 17, n.º 3 (2002): 345–60.

Pinto, Sara. 'Geographic Projections of a 16th Century Trade Network: New Meanings for Historical Research.' In *Understanding Different Geographies*, editado por Karel Kriz, William Cartwright e Michaela Kinberger, 203–14. Lecture Notes in Geoinformation and Cartography. Heidelberg: Primavera, 2013.

Polónia, Amélia, Amândio Barros, e Miguel Nogueira. "'Now and Then, Here and There ... on Business": Mapping Social/Trade Networks on First Global Age'. In *Mapping Different Geographies*, editado por Karel Kriz, William Cartwright, e Lorenz Hurni, 105–28. Lecture Notes in Geoinformation and Cartography. Heidelberg: Primavera, 2010.

Portela, Manuel. "'Nenhum Problema Tem Solução": Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego'. *MATLIT: Materialidades da Literatura* 1, n.º 1 (2013): 9–33.

Priani Saisó, Ernesto, Paul Spence, Isabel Galina Russell, Elena González-Blanco García, Daniel Alves, José Francisco Barrón Tovar, Marco Antonio Godínez Bustos, e Maria Clara Paixão de Sousa. 'Las humanidades digitales en español y portugués. Un estudio de caso: DíaHD/DiaHD.' *Anuario Americanista Europeo*, n.º 12 (2014): 5–18.

Rangel, Danny. 'Do mundo digital às humanidades digitais.' *Techne* 1, n.º 1 (3 Agosto 2013): 17–23.

Rangel, Danny, e Nelson Almeida. 'A Arqueologia na Era Digital: Contexto e tendências.' *Revista Internacional de Humanidades* 1, n.º 2 (2012): 39–51.

Rodrigues, Maria da Conceição Monteiro. *Informática e Ciências Humanas*. Lisboa: Palas, 1989.

Schreibman, Susan, Ray Siemens, e John Unsworth, eds. *Companion to Digital Humanities*. Blackwell Companions to Literature and Culture. Oxford: Blackwell Publishing Professional, 2004.

Silveira, Luís Espinha da. 'Geographic Information Systems and Historical Research: An Appraisal.' *International Journal of Humanities and Arts Computing* 8, n.º 1 (2014): 28–45.

Silveira, Luís Espinha da, ed. *Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849, edição crítica*. 3 vols. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001.

Silveira, Luís Espinha da. 'Revolução Liberal e Propriedade. A Venda dos Bens Nacionais no Distrito de Évora (1834–1852).' Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 1988.

Silveira, Luís Espinha da. *Território e poder. Nas origens do Estado contemporâneo em Portugal*. Cascais: Patrimonia, 1997.

Silveira, Luís Espinha da, Daniel Alves, Marco Painho, Ana Cristina Costa, e Ana Alcântara. 'The Evolution of Population Distribution on the Iberian Peninsula: A Transnational Approach (1877–2001).' *Historical Methods: A Journal of Quantitative and Interdisciplinary History* 46, n.º 3 (2013): 157–74.

Silveira, Luís Espinha da, Margarida Lopes, e Cristina Joanaz de Melo. 'Mapping Portuguese Historical Boundaries with a GIS.' In *Structures and Contingencies in Computerized Historical Research*, editado por Onno W. A. Boonstra, Geurt Collenteur e Bart van Elderen, 245–52. Hilversum: Uitgeverij Verloren, 1995.

Terras, Melissa. 'Inaugural Lecture: A Decade in Digital Humanities.' *Melissa Terras' Blog*, 27 Maio. 2014. <http://melissaterras.blogspot.pt/2014/05/inaugural-lecture-decade-in-digital.html>.

Verdelho, Evelina. 'Filologia, Linguística e Informática: trabalhos em tempo de mudança.' In *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*, editado por Ana Maria Brito, Olívia Figueiredo e Clara Barros, 397–411. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.

#### Referência para citação:

Alves, Daniel. "Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspectiva e discurso (1979-2015)." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past* 1, n.º 2 (2016): 89-116.